

A metamorfose do Nordeste

Região que sedia o Encontro Econômico Brasil-Alemanha de 2005 passa por profundas transformações e investe pesado em infra-estrutura

TEXTO: MARCIO WEICHERT

A imagem sócio-econômica do Nordeste brasileiro costuma ser marcada pela seca e miséria, por elites oligárquicas, agricultura de subsistência e falta de perspectivas de desenvolvimento. Mas, nos últimos anos, uma transformação vem acontecendo e até mesmo se acelerando na região que corresponde a 18% do território do país, abriga 30% da população brasileira e produz 16% do PIB nacional (1997), superior ao do Chile, Cingapura e Venezuela.

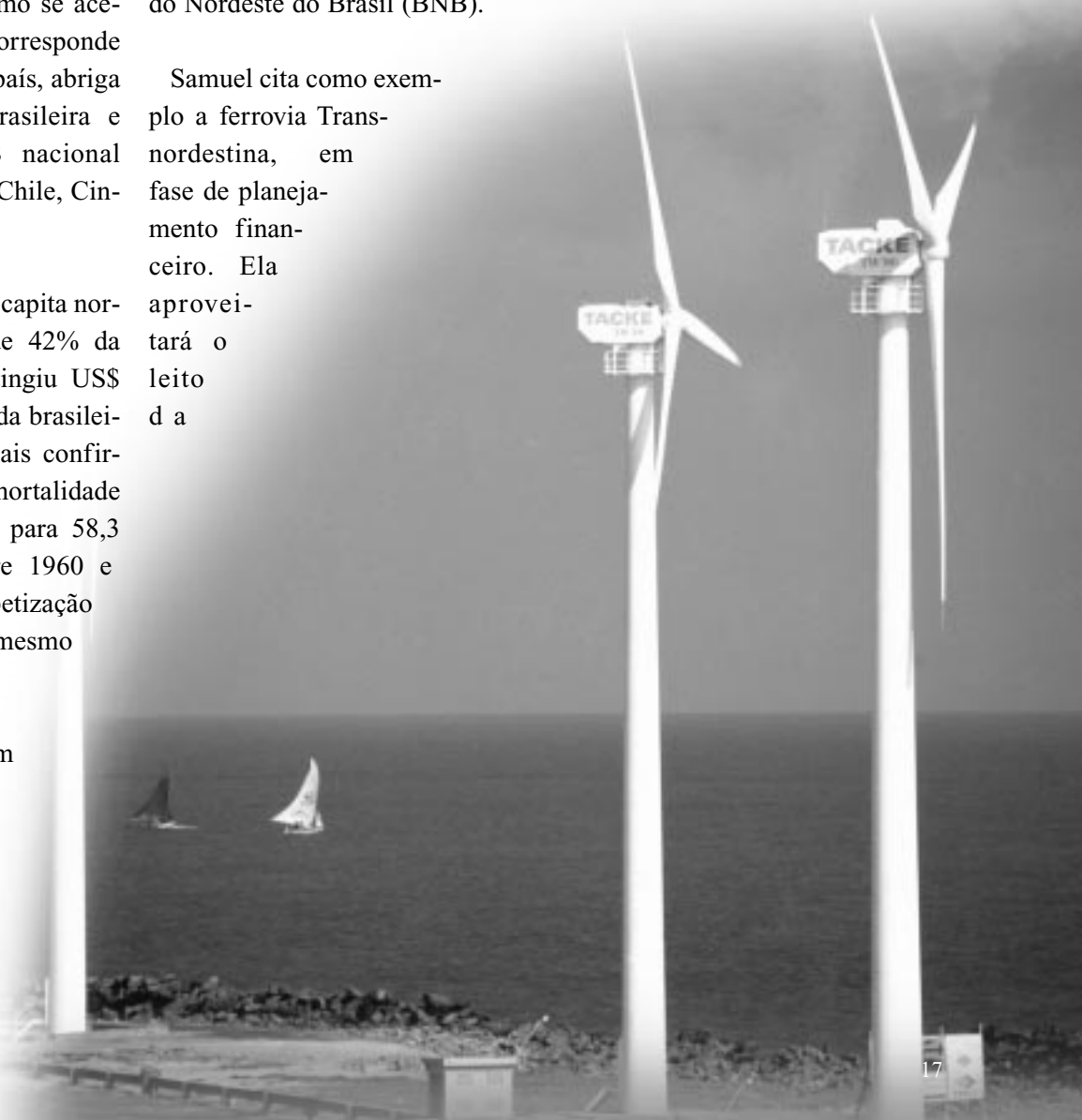
Em 1960, a renda per capita nordestina valia menos de 42% da nacional. Em 1998, atingiu US\$ 2689,96, ou seja, 56% da brasileira. Outros índices sociais confirmam o progresso. A mortalidade infantil caiu à metade para 58,3 por mil crianças, entre 1960 e 1997, e o nível de alfabetização dobrou para 70,6% no mesmo período.

“O Nordeste vive um período especial em sua história recente. Pela primeira vez, a região está sendo encarada dentro do contexto

econômico nacional. É resultado do surgimento de uma classe política urbana, que em vez de ir a Brasília com o pires na mão, vai com reivindicações de investimentos em infra-estrutura”, analisa Victor Samuel, diretor de Promoção de Investimentos do Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

Samuel cita como exemplo a ferrovia Transnordestina, em fase de planejamento financeiro. Ela aproveitará o leito da

atual estrada de ferro entre os portos de Suape, em Pernambuco, e de Pecém, no Ceará, passando por Salgueiro, no interior pernambucano. Os trilhos serão substituídos por



novos com bitola de 1,6 metros, o que permitirá os trens andarem a 80 km/h.

De Salgueiro, a linha seguirá para Eliseu Martins, no Piauí. “Ali está a nova fronteira agrícola do Nordeste. Num raio de 300 quilômetros, caminhões poderão trazer para a ferrovia a produção do sul do Maranhão, do oeste da Bahia e do Piauí. O Brasil tem 66 mil hectares cultiváveis de cerrado, sendo 15 mil deles nesta região nordestina”, conta o diretor do BNB.

Com inauguração prevista para 2008, esta primeira etapa está orçada em 4,5 bilhões de reais. Na segunda etapa, os trilhos chegarão a Mato Grosso, integrando-se à Ferrovia Norte-Sul. Esta, por sua vez, deverá ter aprovada em 2006 a construção, através de Parceria Público-Privada (PPP), de mais 295 quilômetros ligando o Maranhão a Tocantins. Com isso, esta estrada de ferro terá seu atual percurso duplicado.

Pólo siderúrgico

Já a Usina Siderúrgica do Ceará (USC) terá suas obras iniciadas ainda este ano e deverá estar pronta 18 meses depois. A USC produzirá 1,5 milhão de toneladas/ano de placas de aço para exportação. “O beneficiamento vai agregar oito vezes o valor do minério exportado bruto”, ressalta Samuel, do BNB. O passo seguinte será a produção de laminados, o que atrairá indústrias de bens de consumo para a região.

Outro importante investimento ansiosamente aguardado no Nordeste é a construção de uma refinaria, provavelmente em Suape (PE). Segundo Samuel, há vontade política no governo federal para o empreendimento de US\$ 12,5 bilhões, mas o diretor do BNB teme que a Petrobrás não o concretize, por ter opções mais baratas, como “mandar refinar em refinarias ociosas no Caribe”. Samuel: “Para a Petrobras talvez não seja a me-

lhor opção, mas para o país e o Nordeste seria um excelente negócio, pois a refinaria certamente desencadeará a instalação de um pólo petroquímico e um processo de industrialização na região, a exemplo de Camaçari, na Bahia.”

Certa é a transposição das águas do Rio São Francisco, um projeto sobretudo de motivação social. Mas que, com certeza, se refletirá na economia regional. Orçado em R\$ 4,2 bilhões, dos quais mais de um bilhão serão investidos ainda este ano, o projeto prevê a construção de dois canais, que desviarão o equivalente a 1% da água que o Velho Chico despeja no mar. O primeiro canal garantirá a alimentação de rios na Paraíba e Pernambuco; o segundo, no Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. A água desviada só será usada, a priori, para abastecimento humano e animal, numa região em que vivem 30% da população do Polígono das Secas, ou seja, 2,5 milhões de pessoas. O uso em atividade econômica só será autorizado em épocas hidrológicamente favoráveis.

Milagre verde

Esperança para alguns, segredo do sucesso de outros. Com maior ênfase desde o fim da década de 1980, as águas do Velho Chico alimentam o milagre verde de Petrolina e Juazeiro. Ao redor destas cidades baianas, o sertão transformou-se num dos principais pólos de produção de frutas frescas do Brasil. Da meta de 40 mil, mais de 20 mil hectares já são irrigados. Tão ambicioso é o Projeto Salitre, igualmente na Bahia, iniciado em



Victor Samuel, diretor de Promoção de Investimentos do Banco do Nordeste do Brasil

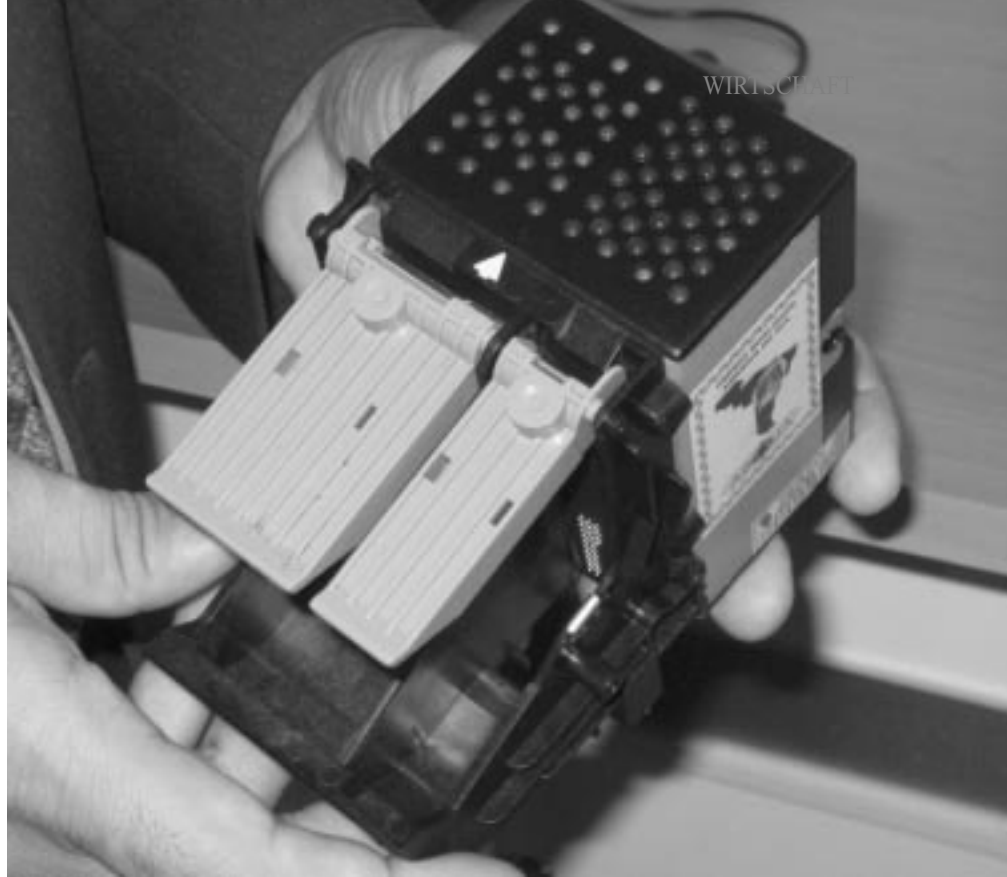
2004 e que pretende irrigar 31 mil hectares em cinco etapas.

Graças ao clima, a região permite duas colheitas por ano de frutas frescas (uvas, mangas, melões, mamões, goiabas e outras). A produção já beira um milhão de toneladas/ano. A irrigação aumentou também a produtividade dos canaviais, que atualmente produzem 136 toneladas de cana-de-açúcar por hectare, contra 118 em São Paulo.

A necessidade de escoar tamanha produção levou recentemente à ampliação do Aeroporto de Petrolina, hoje com capacidade para 150 mil passageiros/ano e a segunda maior pista de pouso e decolagem do Nordeste. Até mesmo os Boeing 747-400, cargueiros para 110 toneladas, podem utilizar a nova pista. Seis câmaras frigoríficas e dois túneis de resfriamento permitem que as frutas permaneçam fresquinhas à espera do embarque para a União Européia e os Estados Unidos.

O Ceará, porém, disputa com a região o título de maior produtor de frutas frescas do país. A fruticultura deverá fechar 2005 com 35 mil hectares de área cultivada no estado. Somente do governo federal, são US\$ 200 milhões em investimentos em infra-estrutura, inclusive obras para irrigar 20 mil hectares na região do Baixo Jaguaribe. O melão é o principal produto, mas mamão, banana e abacaxi vêm ganhando espaço.

O estado destaca-se também por seu avanço na floricultura, tendo exportado em 2004 seu primeiro



Sistema de reciclagem de cartuchos de impressora da New Ink

milhão de dólares. Vice-campeão em exportações de flores do Brasil, o Ceará assumiu a liderança no segmento de rosas. A Secretaria Estadual de Agricultura (Seagri) espera que elas sozinhas representem este ano US\$ 2 milhões, numa arrecadação total de US\$ 4 milhões em exportações, sobretudo para a Europa. “O sol constante acelera o crescimento das flores, que encontram na serra cearense temperaturas ótimas com média de 20 graus”, explica Victor Samuel, do Banco do Nordeste.

Energias renováveis

A energia eólica achou igualmente no Ceará seu lugar ideal. Os ventos são regulares e de intensidade média duas vezes maior que na Alemanha, o maior produtor da especialidade. Dos 1100 MW contratados pela Eletrobrás, mais de 40% são oriundos de projetos no Ceará. As geradoras têm prazo até

2008 para começar a fornecer suas cotas de energia eólica.

Na Paraíba, a novidade está na área de informática. Iniciativas do governo estadual, do Sebrae e da Apex estão permitindo o surgimento de exportadores neste concorrido segmento, como a New Ink, que desenvolveu um sistema de teste e reciclagem de cartuchos de tinta, faturou três prêmios internacionais e já vende para 23 países.

É por essas e outras que o Nordeste sedia este ano, pela primeira vez, o Encontro Econômico Brasil-Alemanha, mais precisamente em Fortaleza. O evento acontece de 3 a 5 de julho. “Esperamos que o evento contribua para que a Alemanha recupere seu lugar no ranking de investidores no Brasil. Hoje está em sétimo lugar, após ter sido terceira nos anos 80”, observa Victor Samuel, do Banco do Nordeste do Brasil, um dos patrocinadores do encontro. ■